

**A REVOLUÇÃO FRANCESA NO YOUTUBE:
usos políticos pelas direitas brasileiras (2018-2022)
THE FRENCH REVOLUTION ON YOUTUBE: Political Uses by
Brazilian Right-Wing Movements (2018–2022)**

Camilla Cristina Silva¹
Daniel Gomes de Carvalho²
Marcus Vinícius Furtado da Silva Oliveira³

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar os usos políticos da Revolução Francesa em canais do YouTube alinhados às direitas brasileiras entre 2018 e 2022, período correspondente à presidência de Jair Messias Bolsonaro. A partir disso, desenvolvemos uma tripla hipótese: primeiro, tal uso parece alinhado ao discurso político sobre o tema na América do Norte e na França, sugerindo uma mescla entre as tradições da direita francófona e anglófona no Brasil; segundo, apesar dessa sintonia internacional, o uso da Revolução Francesa pela direita brasileira tem raízes na segunda metade do século XX, conectando-se ao discurso anticomunista da ditadura militar; terceiro, essa apropriação se vincula a uma concepção específica de história contemporânea e do Brasil, que busca inserir o país em uma macro narrativa de uma suposta decadência da "civilização judaico-cristã", localizando o Brasil no "Ocidente".

Palavras-chave: extrema-direita; Revolução Francesa; youtube; bolsonarismo; reacionarismo.

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze the political uses of the French Revolution in YouTube channels aligned with the Brazilian right between 2018 and 2022, the period corresponding to Jair Messias Bolsonaro's presidency. From this, we developed a threefold hypothesis: first, such uses align with political discourse on the topic in North America and France, suggesting a blend of francophone and anglophone right-wing traditions in Brazil. Second, despite this international resonance, the Brazilian right's use of the French Revolution has roots in the second half of the 20th century, linking to the anti-communist rhetoric of the military dictatorship. Third, this appropriation ties into a specific conception of contemporary history and Brazil, aiming to insert the country into a broader narrative of the supposed decline of "Judeo-Christian civilization," positioning Brazil within the "West."

Keywords: far-right; French Revolution; YouTube; Bolsonaroism; reactionary politics

INTRODUÇÃO

Em 29 de setembro de 2024, o lutador de artes marciais brasileiro Renato Moicano foi destaque na tradicional revista conservadora francesa Le Figaro, existente desde 1826. Na entrevista, Moicano, após criticar a democracia e citar o autor Hans-Hermann Hoppe,

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Professora na UniProjeção e pós-doutoranda na Universidade de Brasília (UnB). E-mail: ccs.historia@gmail.com.

² Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de História Moderna na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: daniel.gomes.carvalho@usp.br.

³ Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista. Professor do Colégio de Aplicação e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: marcusfsoliveira@ufu.br

declarou que a Revolução Francesa foi um desastre por tentar “eliminar Deus do mundo”. Essa declaração se insere em um discurso internacional alinhado à extrema-direita, com raízes no século XIX, que interpreta a Revolução como um marco fundamental em um processo mais amplo de decadência moral e política.⁴ O crescimento de partidos e grupos de extrema-direita e direita radical em diversos países tem ocorrido em sintonia com uma intensa produção de conteúdo nas redes sociais. Por meio de diferentes plataformas e mídias, canais e perfis vinculados a esse espectro político disputam a formação de consenso em amplos setores da sociedade civil. Diante desse cenário, entender o crescimento e a consolidação das novas direitas nas democracias contemporâneas requer uma análise dos modos como esses conteúdos são produzidos e disseminados.

Desse modo, este trabalho busca investigar como determinados canais e comunicadores brasileiros mobilizam a história e o passado da Revolução Francesa para moldar suas narrativas e pautar o debate público. Optou-se por analisar diversos canais da constelação da ultradireita⁵, com destaque para dois canais específicos do YouTube: o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO) e a Brasil Paralelo, o primeiro pelas suas raízes tefepistas, o segundo pela sua dimensão e impacto. Os outros quatro canais escolhidos – Manual de História, Marcelo Andrade, Inteligência Corp e História e Fé Católica – foram incluídos devido ao seu tamanho, impacto e à clareza com que estabelecem vínculos ideológicos entre a Revolução Francesa e as perspectivas da extrema-direita. O IPCO, um dos grupos que derivam da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), adota um discurso católico conservador, centrado na cruzada contrarrevolucionária de seu líder, Plínio Corrêa de Oliveira. Fundada em 1960, a TFP faz parte de um fenômeno transnacional de formação e organização da Nova Direita, exercendo intervenção significativa sobre as políticas religiosas, culturais e anticomunistas nas Américas (Cowan, 2018). A

⁴ MMA: le gouvernement français est “épouvantable”, lâche un combattant brésilien avant d’insulter Emmanuel Macron. Le Figaro, Paris, 29 set. 2024. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/sports/mma/mma-le-gouvernement-francais-est-epouvantable-lache-un-combattant-bresilien-avant-d-insulter-emmanuel-macron-20240929>. Acesso em: 20 out. 2024.

⁵ De acordo com Cas Mudde (2022), os grupos que compõem a ultradireita podem ser subdivididos em duas categorias principais: a extrema-direita e a direita radical. A distinção entre esses grupos, segundo Mudde, está na forma como se relacionam com o sistema democrático e político. Enquanto a extrema-direita rejeita explicitamente os princípios democráticos e busca romper com o sistema, os grupos de direita radical, em contrapartida, tensionam e desafiam as estruturas políticas sem, necessariamente, propor a sua ruptura total. Desse modo, esses últimos criticam os fundamentos da democracia liberal, mas ainda tentam operar dentro de seus marcos institucionais.

construção de uma agenda transnacional pelo grupo fomentou aliança com a Liga Mundial Anticomunista, cujas ações, na segunda metade do século XX, oscilaram entre a promoção do pânico anticomunista e o apoio ao terrorismo de direita.

Um exemplo marcante dessa aliança foi a realização da reunião anual da Liga em 1975, no Rio de Janeiro. Com a morte de Plínio Corrêa de Oliveira, as disputas pelo controle administrativo e doutrinário fragmentaram a TFP em várias frentes⁶, entre elas o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO), fundado em 2006. Como os demais “herdeiros” da TFP, o IPCO utiliza a religião católica como pilar central de sustentação do Estado e da sociedade, promovendo um retorno à moralidade fundamentada no que eles entendem serem as tradições greco-romana e medieval. Nas redes sociais, o Instituto mantém uma base de 44 mil seguidores no Facebook, que segue sendo uma das principais plataformas de articulação conservadora no Brasil, e conta com 260 mil inscritos no seu canal do YouTube. Entre 2020 e 2021, o IPCO ofereceu um curso sobre a Revolução Francesa, composto por 42 aulas ministradas por Nelson Fragelli, um engenheiro monarquista. A empresa Brasil Paralelo é, possivelmente, hoje a mais conhecida produtora de conteúdo histórico alinhada com a ultradireita no Brasil. Desde 2016, posiciona-se como expoente do que seus fundadores chamam de “revolução cultural”, um projeto voltado a combater o que veem como a hegemonia da esquerda nas esferas culturais do país. Orientados pelas concepções de Olavo de Carvalho, o falecido *poster-boy* da direita brasileira, os produtores da Brasil Paralelo assumem a demanda por história como um compromisso de enfrentamento à suposta infiltração da esquerda na cultura. Como parte de sua estratégia de mercado, “a Brasil Paralelo opta por usar a internet como principal forma de intervenção nesse debate, o que implica, entre outras coisas, um mergulho nas disputas mais imediatas pelo imaginário coletivo” (Moraes; Cleto, 2021).

Com abordagem publicitária direcionada à construção da “verdade” histórica, a Brasil Paralelo também promove campanhas de monitoramento, identificação e denúncia de “educadores engajados politicamente”. Em seu site institucional, há artigos que orientam o público sobre como proceder nesses casos e apresentam supostos “relatos de doutrinação em sala de aula”. Ao destacar momentos específicos do passado, por meio de exaltação ou de

⁶ Uma década depois da morte de Plínio Corrêa, o espólio do pensamento conservador em torno da TFP esteve em disputa entre seus membros, o que motivou o início de processo cível (0189760-52.2006.8.26.0100) sobre os rumos da sociedade.

narrativas conspiratórias, a empresa tem captado a atenção de um público ávido por revisitar a história nacional, funcionando como uma espécie de “recurso terapêutico para tempos de incerteza” (Nicolazzi, 2021, p. 09). Sua estratégia é baseada na criação de uma dicotomia simplista entre heróis e vilões, resultando em uma mitologia nacional similar àquelas do século XIX.

Por exemplo, na série “Brasil - A Última Cruzada”, composta por sete episódios, é defendido o “discurso legítimo” sobre a trajetória histórica do país, com o intuito não apenas de revisar eventos passados, mas também de questionar criticamente a historiografia acadêmica. Essa narrativa antidemocrática é reforçada por uma visão homogênea de uma história fortemente eurocentrada e colonialista. Como será discutido, além dessa série, os vídeos sobre a Revolução Francesa também ocupam um lugar de destaque significativo na sua produção. Assim, para cumprir seus propósitos, este artigo discutirá a possibilidade de uma temporalidade reacionária nas extremas-direitas, abordando, em seguida, os usos políticos da Revolução Francesa de maneira abrangente. Por fim, o texto examinará como esse evento histórico é mobilizado nos canais mencionados, buscando entender suas implicações na própria direita contemporânea. As balizas cronológicas deste artigo, o governo de Jair Bolsonaro no Brasil, se justificam não apenas pela proliferação de conteúdos desse tipo e pelo alinhamento ideológico dos canais de comunicação com o governo, mas também por um padrão de análise que relaciona a crítica à Revolução Francesa com as medidas do governo, caso, como se verá, da pandemia de Covid-19. Dessa forma, destacamos como essas narrativas se entrelaçam para moldar a opinião pública e justificar posturas políticas contemporâneas.

1. A TEMPORALIDADE REACIONÁRIA

Analisar os usos do passado da Revolução Francesa pelos supracitados canais brasileiros oferece uma contribuição essencial para compreender seus projetos políticos. Como pretendemos demonstrar, ao terem como perspectiva uma temporalidade reacionária, esses comunicadores experimentam um tempo que oscila entre a ansiedade e a nostalgia. Dentro dessa sensibilidade reacionária, eventos como a Revolução Francesa emergem como marcos de um processo contínuo de afirmação de uma modernidade que se afasta de valores considerados atemporais e transcendentais. Como evento visto enquanto fundador da

contemporaneidade, a Revolução Francesa é mobilizada como um símbolo da perda dos valores tradicionais e da ascensão das ideologias de esquerda. Para Mark Lilla (2018), a mente reacionária é caracterizada por uma angústia em relação ao fluxo do tempo. Em vez de celebrar os avanços da modernidade, essa perspectiva vê tais mudanças como a acumulação de ruínas de um passado perdido. Em desacordo com a modernidade, os projetos políticos reacionários se fundamentam na nostalgia e nas expectativas de restauração desse passado perdido:

A mente reacionária é uma mente naufragada. Onde os outros veem o rio do tempo fluindo como sempre fluiu, o reacionário enxerga os destroços do paraíso passando à deriva. Ele é um exilado do tempo. O revolucionário vê o futuro radioso que os outros não são capazes de ver, e com isto se exalta. O reacionário, imune às mentiras modernas, vê o passado em todo seu esplendor, e também se sente exaltado. Sente-se em mais forte posição que o adversário por se julgar guardião do que de fato aconteceu, e não profeta do que poderia ser. (...) A combatividade de sua nostalgia é o que torna o reacionário uma figura tipicamente moderna, e não tradicional. (Lilla, 2018, p. 12)

Ao destacar a nostalgia combativa como elemento central da política reacionária, Lilla busca evidenciar a modernidade do reacionarismo. Nessa perspectiva, a rememoração dos esplendores do passado serve como base para a elaboração de um projeto político que visa transformar a realidade corrente. Em paralelo, a própria dinâmica de busca de um passado perdido remete à quebra temporal própria da modernidade, o que torna a temporalidade reacionária intrinsecamente moderna. Entretanto, a imagem de mentes naufragadas e de exilados no tempo enfraquece a própria definição de Lilla ao caracterizar o reacionarismo como um projeto político essencialmente moderno e contemporâneo. Apesar do que essas imagens podem sugerir, as mentes reacionárias, ainda que desconcertadas e desconfortáveis com o presente, não se veem como fora desse tempo. Pelo contrário, o reacionarismo busca formular suas próprias maneiras de habitar a contemporaneidade e, por meio de seus projetos políticos, almeja o domínio político do presente. Nesse sentido, as análises de Pablo Stefanoni (2022) e de Valdeci Araújo e Mateus Pereira (2018) podem contribuir para a redefinição desses projetos políticos. Para Stefanoni, apesar da diversidade presente na galáxia de movimentos e grupos que compõem as novas direitas, é possível identificar traços comuns entre eles. A novidade dessa galáxia reside em sua relação com os arranjos políticos estabelecidos a partir do final do século XX. Considerando esses arranjos como parte do domínio de uma ordem

global progressista, as novas direitas operam a partir de uma perspectiva antissistêmica, marcada por uma oposição a diversas instituições públicas e políticas. Dentro dessa ótica, políticas redistributivas voltadas para a justiça social e ações afirmativas que buscam atenuar desigualdades de gênero, raça ou classe são vistas como iniciativas de uma elite global desconectada dos interesses genuínos do povo.

Para essa rebeldia de direita, mobilizar o passado não implica, apesar da nostalgia, o desejo de uma restauração. No cenário de crise das metanarrativas, é preciso compreender que “a nostalgia é contemporânea da utopia como traço moderno e que precisa ser pensada em sua dimensão espaço-temporal” (Freixo; Abreu, 2017). Na busca por articular sua disputa pela contemporaneidade, os reacionários vinculados às novas direitas buscam operar uma atualização do passado. Como apontam Valdei Araújo e Mateus Pereira, a partir da segunda metade do século XX, houve uma transformação significativa nas experiências temporais no Ocidente. Ao escapar da experiência moderna da história, que era marcada pela expectativa de um futuro radicalmente distinto do passado, a experiência atualista se estruturou em torno de um presente repleto de novidades, mas vazio de eventos significativos.

Nessa nova experiência temporal, a impossibilidade de imaginar um futuro radicalmente distinto não significa o aprisionamento em um presente imóvel que se repete ou que evoca constantemente um passado esplendoroso. No atualismo, esse amplo passado projetado no presente é atualizado e ganha novas configurações, mas nunca pretende inaugurar uma época radicalmente nova. Nesse sentido, como uma apropriação desse cronótopo atualista, o reacionarismo das novas direitas apresenta suas críticas ao ordenamento político e social estabelecido no final do século passado, sem, no entanto, vislumbrar a construção de uma nova ordem. Assim, o caráter antissistêmico identificado por Stefanoni, vinculado a essa dimensão atualista, não sugere uma transformação revolucionária em sentido invertido, mas sim uma proposta de atualização desse passado. Como apontam Pereira e Araújo (2020), em um trabalho posterior, o cronótopo atualista também engendra novas sensibilidades para o contemporâneo. Nessa nova configuração, o tempo é experimentado como uma mistura de nostalgia e ansiedade. Diante da velocidade implacável das mudanças, o nostálgico é aquele que, deslocado, recusa a atualização. Em contrapartida, o ansioso, imerso na intensidade atualista, busca o aprofundamento das novidades contemporâneas. Para Pereira e Araújo (2020, p. 128), tais sensibilidades, presentes tanto

nas direitas quanto nas esquerdas, marcam a existência de indivíduos e grupos sociais que se alternam entre a condição de atualizados e obsoletos:

Ao que parece, o sujeito atualizado procura se compreender como uma espécie de surfista, que tenta, continuamente, equilibrar-se nas ondas de atualização e retirar dessa situação de perigo seu lucro e o seu sentido existencial. Aliás, ele sabe nadar após a submersão. Já o sujeito obsoleto existe com a contínua sensação de sua incapacidade de sobreviver à próxima onda. Não por acaso, o vocabulário da extinção é continuamente evocado para caracterizá-lo: ele é o peixe fora d'água ou o dinossauro que se recusa a desaparecer.

Portanto, a partir dessas categorias, pretendemos demonstrar que, para esses comunicadores, a mobilização da Revolução Francesa como um momento de decadência do Ocidente não implica um exílio no tempo nem o desejo de retomar um passado irremediavelmente perdido. Ao contrário, esses usos da história e do passado configuram uma maneira específica de orientar um projeto político reacionário voltado para promover, a partir do presente, a atualização de certos elementos do passado. Por conseguinte, vale observar brevemente que, no que pesem as diversas afinidades, essa temporalidade reacionária difere sensivelmente dos conservadorismos e reacionarismos “clássicos”, produzidos durante a própria Revolução Francesa. O termo “Reação”, por exemplo, tem suas raízes nas ciências naturais (do mesmo modo que “Revolução”) e começou a ser empregado em sentido político após o 9 Termidor (27 de julho de 1794), a morte de Robespierre na guilhotina. Esse uso foi consolidado no texto *De réactions politiques*, de Benjamin Constant, escrito em 1796, em um momento em que o autor se comprometia a defender um governo moderado que não se confundisse nem com o terror, nem com a monarquia absoluta. Trata-se, assim, de uma resposta ao próprio tempo da Revolução: quando o tempo é percebido como fragmentado, acelerado ou, ainda, como uma correnteza que arrasta os eventos, exigindo deles uma direção específica e aberta a um futuro incerto, é que se pode responder ao seu impulso, redirecionando o desenrolar dos acontecimentos ou, se não for possível desviar as correntezas, resistindo a ele da melhor maneira possível.

Não obstante, tais autores - cercados por realidades políticas, dentro e fora de suas nações, nas quais o Antigo Regime era ainda presente - possuíam projetos radicalmente distintos para seu próprio tempo. É nesse sentido, por exemplo, que José Miguel Nanni

Soares, no prefácio do livro de Joseph Maistre, sustenta que esse autor era, a um só tempo, “conservador” – por sua adesão à Igreja Católica, sua defesa da monarquia e sua crítica ao filosofismo – e “moderado” – por sua oposição ao despotismo, sua defesa de uma monarquia temperada por corpos intermediários e sua admiração pelo sistema inglês (Maistre, 2022, p. 38-42). Do mesmo modo, o intento primordial de *O Gênio do Cristianismo* (1802), obra-prima de Chateaubriand, era demonstrar que a civilização europeia é herdeira do pontificado, e não de um progresso histórico que era o próprio coração do gesto reflexivo das luzes (Pinori; Carvalho, 2024); desse modo, a civilização das luzes, dizia Chateaubriand, estava fadada ao fracasso ao dedicar templos “à Verdade, que ninguém conhece, e à Razão, que nunca enxugou uma lágrima” (Chateaubriand, 2020, p. 38).

2. A REVOLUÇÃO FRANCESA: usos políticos contemporâneos

Os usos políticos da Revolução Francesa naturalmente não se restringem ao Brasil. De acordo com Eugeni (2013), na França, o político de esquerda Jean-Luc Mélenchon tem utilizado o *storytelling* – a arte de contar histórias com personagens envolventes, enredos cativantes e rituais que capturam o interesse do público – para posicionar sua campanha como um desdobramento e conclusão da própria história da Revolução Francesa. Dessa forma, ele afirmou em um comício, diante de uma plateia repleta de pessoas usando gorros vermelhos: “gênio da Bastilha paira sobre esta praça, está de volta o povo das revoluções e das rebeliões – somos a bandeira vermelha!” (Eugeni, 2013, p. 69). Da mesma forma, permanece uma outra representação do processo revolucionário, frequentemente retratado como essencialmente violento. Essa visão ecoa a tese de François Furet, segundo a qual o terror estava presente desde os primórdios de 1789 (Furet, 1989, p. 72). A Guerra da Vendéia, que Reynald Secher defende como um genocídio desde 1985 (2011), ocupa o centro dessa disputa pela memória. Isso fica evidente nos debates em torno do filme recém-lançado *Vaincre ou Mourir*, que foi acusado de promover valores de extrema direita, apresentando uma dicotomia entre os “bons católicos” e os “maus republicanos”.⁷

⁷ Sobre isso, ver **EURONEWS**. *Vaincre ou Mourir*: filme sobre a Revolução Francesa criticado por promover visões de extrema direita. Disponível em: <https://www.euronews.com/culture/2023/01/29/vaincre-ou-mourir-french-revolution-movie-criticised-for-promoting-far-right-views>. Acesso em: 20 out. 2024.

Nos últimos anos, a disputa histórica e política em torno da figura de Robespierre tem ganhado destaque novamente. Isso é evidenciado pela tradução em inglês do texto de Gauchet (*Robespierre: L'homme qui nous divise le plus*, 2022), pelo livro de Poufarry (*Robespierre: monstre ou héros?*, 2023) e pela polêmica entre os historiadores David Bell e Jean Clément Martin, na qual Bell rotulou a perspectiva historiográfica de Martin como parte da "*Don't Say Terror school*" (veja Martin, 2018, e Bell, 2023). Em março de 2023, uma biografia intitulada *Robespierre L'Innocent*, com o objetivo de "reabilitar" a figura do advogado de Arras, foi lançada e conta com um prefácio do ex-candidato à presidência da França. No âmbito político, as discussões gravitam em torno do (pseudo)debate de Robespierre ser considerado um "tirano" ou um "herói do povo". Em contraste, no campo historiográfico, se há um consenso de que Robespierre nunca foi ditador, não parece haver concordância sobre as heranças, a duração, o caráter, a extensão e as possíveis direções do terror (para um panorama dessas disputas, ver Biard e Linton, 2021).

Nos Estados Unidos, a despeito da presença de historiadores renomados que discutem a Revolução Francesa, como Lynn Hunt e Suzan Desan, observa-se uma força significativa de um discurso da ultradireita que interpreta a revolução por meio do binômio terror-guilhotina, frequentemente apresentados como inimigos da fé cristã. Nesse contexto, o clichê, originado de uma frase do realista exilado na Suíça Mallet du Pan, de que uma revolução "devora seus filhos, tal como Saturno", é frequentemente utilizado para celebrar uma visão os Estados Unidos como uma nação que não promoveu uma revolução antirreligiosa, o que, segundo essa narrativa, resultou em maior estabilidade⁸. Em parte, trata-se de uma vulgarização da noção arenditiana (1988) sobre os contrastes entre a Revolução Americana, apresentada como essencialmente política, e a Revolução Francesa, caracterizada, segundo a autora, por sua maior violência. Sabe-se hoje, entretanto, que, do ponto de vista quantitativo, a ideia de uma

⁸ Como alguns exemplos recentes dessa presença na mídia, ver THE BULWARK. Warnings for today from the French Revolution. Disponível em: <https://www.thebulwark.com/warnings-for-today-from-the-french-revolution/>. Acesso em: 20 out. 2024. ENGELR, Patricia. French Revolution is a warning for Christians today. Disponível em: <https://answersingenesis.org/blogs/patricia-engler/french-revolution-is-warning-for-christians-today/>. Acesso em: 20 out. 2024. NEWS9 LIVE. Reign of Terror: When chaos engulfed France during the Revolution thanks to Maximilien Robespierre. Disponível em: <https://www.news9live.com/knowledge/reign-of-terror-when-chaos-engulfed-france-during-the-revolution-thanks-to-maximilien-robspierre-206955>. Acesso em: 20 out. 2024. WASHINGTON POST. The French Revolution offers a critical lesson as the U.S. returns to normal. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/outlook/2021/05/07/french-revolution-offers-critical-lesson-us-returns-normal/>. Acesso em: 20 out. 2024.

excepcionalidade da violência revolucionária francesa é questionável se compararmos, por exemplo, os massacres perpetrados pela coroa inglesa na Irlanda em 1798 (mais numerosos do que as execuções na guilhotina da França) ou mesmo a Revolução Americana (ver Hesse, 2019 e Martin, 2017). Seja como for, a Revolução Francesa frequentemente serve como um instrumento de pânico moral e propaganda, funcionando como um alerta de que qualquer ascensão da esquerda representaria a continuidade de uma tradição de normalização da violência e uma ameaça à propriedade, que, segundo essa perspectiva, sempre teria caracterizado os campos progressistas. Mesmo no campo historiográfico, obras como as de Schama (2002) e Ruth Scurr (2012) parecem dar suporte à narrativa midiática que retrata Robespierre como “megalomaniaco” e “ditador”.

Entre os líderes admirados pela *alt-right* nos Estados Unidos, destaca-se Yoram Hazony, autor de *A Virtude do Nacionalismo* e presidente da fundação que carrega o nome de Edmund Burke, crítico da Revolução Francesa. Outro exemplo é a atuação do grupo tradicional da *alt-right*, The John Birch Society, que foi fundada em 1958 e ainda está ativa nos Estados Unidos. Esse grupo utiliza seus canais para representar a Revolução Francesa, referindo-se a ela como “o reino do Terror e da guilhotina”, e a considera a precursora de todas as revoluções comunistas. Em uma série de podcasts lançada em 2018⁹, a narrativa é construída sob a lógica da conspiração, associando a “influência profunda” dos *iluminati* ao desenvolvimento do discurso dos revolucionários franceses. Essa influência é vista como a raiz da tirania que se manifestará em futuras revoluções comunistas na Europa.

Acreditamos que essa narrativa remonta a uma representação da violência da Revolução Francesa que circula no mundo de língua inglesa desde o século XIX, envolvendo figuras como Wordsworth, Coleridge, Southey e, é claro, *A Tale of Two Cities*, de Charles Dickens (Forrest, Serna, 2022). Essa visão também está intimamente ligada a uma longa tradição iniciada por pensadores como Barruel e Bonald, que associam a Revolução ao protestantismo e a uma conspiração de grupos como a maçonaria e teve grande força no Brasil do século XIX (Mohallem, 2023). No entanto, uma discussão pormenorizada sobre a história dos usos políticos da Revolução Francesa ultrapassaria o escopo deste artigo. Nosso objetivo, neste caso, é compreender como a Revolução Francesa operou no discurso de setores

⁹ John Birch Society. “Myths v. Facts.” Disponível em: <https://jbs.org/audio/myths-v-facts/>. Acesso em: 20/10/2018.

representativos da ultradireita brasileira no *Youtube*, especificamente durante o governo de Jair Bolsonaro (2018-2022).

3. A TRANSMISSÃO DA REVOLUÇÃO FRANCESA NO YOUTUBE

Refletir sobre a ultradireita contemporânea exige uma análise pormenorizada a respeito de diferentes passados e suas apropriações. Quais são os passados que essas direitas celebram e buscam restaurar? Ou ainda, que passados são invocados nos mitos de origem que descrevem a “tirania” da esquerda? A Revolução Francesa, como já mencionado, faz parte desse último grupo. No Brasil, um conjunto de canais reacionários e conservadores – em sua maioria, abertamente apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro – tem produzido conteúdo sobre esse tema, atingindo até 500 mil visualizações. A capilaridade desses canais, que mobilizam afetos de públicos ávidos por história, é um dos elementos centrais do negacionismo contemporâneo. Nessa estratégia, o passado é utilizado de forma afetiva tanto para negar eventos históricos quanto para questionar a própria produção historiográfica (Nicolazzi, 2023).

As narrativas reacionárias em torno da Revolução Francesa frequentemente combinam a idealização de um passado nostálgico – representado por uma era de harmonia, com a união entre trono e altar – com um discurso conspiracionista. Esse discurso, na maioria das vezes, culpa a esquerda e, em alguns casos, a maçonaria, por uma suposta tragédia contemporânea - associação esta que remonta a Barruel e tem uma longa história, estando presente até mesmo dentre grupos fascistas (Beaupaire, 2022). Se, na perspectiva dos historiadores, os legados da Revolução Francesa são ambíguos, e podem incluir tanto os direitos humanos quanto determinados projetos imperialistas (Carvalho, 2022), nesses vídeos a Revolução Francesa é apresentada como um bloco, um evento catalisador para o desmoronamento de valores tradicionais, a ascensão do comunismo e da esquerda. Assim, essas narrativas estabelecem uma continuidade entre o passado e o presente, responsabilizando a Revolução por todas as crises atuais. Assim, a defesa de uma atualização dos valores tradicionais - no caso, associado ao projeto bolsonarista no Brasil - acaba por implicar a rejeição das heranças da Revolução Francesa, vista como a origem dos males modernos.

Desse modo, o bolsonarismo tem se apropriado de imagens e narrativas que evocam uma ideia de atualização de passados idealizados, muitas vezes associados à moral cristã ou a uma suposta "idade de ouro" nacional e internacional. Nesse contexto, a história da Revolução Francesa é reinterpretada em termos que alinham o Brasil a uma hierarquia de passados, nos quais uma Monarquia ilustrada e estável (como a de Luís XVI) teria sido sucedida por uma Revolução esquerdista e essencialmente violenta, de maneira similar ao defendido em relação ao declínio da Monarquia brasileira e a instalação da República. Se é trivial dizer que essas narrativas estão em claro desacordo com as interpretações mais recentes da historiografia sobre a Revolução Francesa, sua ampla circulação em plataformas digitais demonstra a necessidade de maior investigação acadêmica sobre esses usos históricos, que encontram forte ressonância no ambiente da internet e no discurso político conservador contemporâneo.

Embora esses grupos compartilhem uma base comum de valores, como a defesa da moral religiosa e o anticomunismo, eles podem ser divididos entre "atualizados" e "obsoletos", conforme as categorias de Pereira e Araújo (2020). Os grupos obsoletos tendem a buscar refúgio na nostalgia, enquanto os atualizados operam no presente, impulsionados pela ansiedade em relação às mudanças contemporâneas. No entanto, essa distinção não significa que seus modos de atuação na internet sejam contraditórios ou opostos. De fato, observam-se diferentes abordagens na construção da narrativa sobre a Revolução Francesa, com variações em como articulam passado, presente e futuro. Ainda assim, esses grupos convergem em uma agenda comum, que lhes permitiu, nos últimos anos, capitanear os usos políticos do passado no debate público brasileiro. Essa capacidade de diálogo entre diferentes matizes da ultradireita consolidou sua presença no cenário contemporâneo de disputas sobre a memória histórica.

4. A REVOLUÇÃO ENTRE ATUALIZADOS E OBSOLETOS

Em 2020, o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO) lançou uma série de vídeos sobre a Revolução Francesa, sendo que o primeiro, com maior repercussão, atingiu cerca de 22 mil visualizações. Nelson Ribeiro Fragelli, engenheiro, monarquista e sócio-consultor do IPCO, é

o apresentador da série e protagoniza as aulas. Desde a primeira aula¹⁰, ele posiciona o estudo da Revolução como crucial para compreender a "reação conservadora" contemporânea no Brasil. Em cenários ornamentados com uma estética monárquica, Fragelli expõe sua visão da Revolução Francesa, que descreve como um espetáculo de devassidão. Ele argumenta que o movimento revolucionário foi profundamente anticristão e responsável pelo extermínio de camponeses e pobres — que, em sua visão, representavam o verdadeiro "povo". Para ele, a Revolução disseminou o medo e contribuiu para o abandono da fé, pintando um cenário de desolação espiritual e social¹¹.

Essa narrativa serve para sustentar uma visão idealizada de uma ordem social anterior à Revolução, frequentemente apresentada em tom de alerta contra o que se considera uma repetição desses eventos em movimentos progressistas e de esquerda nos dias de hoje. A narrativa do curso do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira sobre a Revolução Francesa é estruturada em uma rígida separação entre três grupos: povo, nobreza e revolucionários. O "povo" é representado como uma massa manipulada, alvo de doutrinação pela elite intelectual da França pré-revolucionária, que operava tanto nos círculos eruditos e clubes de leitura quanto na nobreza católica influenciada por figuras como François Fénelon¹². Este arcebispo, pouco presente nos manuais consagrados sobre a Revolução Francesa, aqui é elevado ao papel de protagonista, sendo retratado como responsável pela criação de um ideal cristão liberal e pacifista, o que, segundo a narrativa, teria justificado a inércia de Luís XVI diante dos primeiros sinais de revolta. Dois principais fatores explicariam, na visão do curso, o apoio do povo aos revolucionários: o suborno de lealdades e a disseminação de *fake news* contra a nobreza e a monarquia. Além disso, a caracterização dos revolucionários oscila entre representações exageradamente grotescas — como a de canibais, drogados e sedentos de álcool e sangue — e visões mais presentificadas, comparando-os a milicianos. Na narrativa da série, a intelectualidade é apontada como a principal responsável pela corrupção moral que

¹⁰ Revolução Francesa - Aula 1: Um acontecimento chave na história do mundo. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tahNoovnl1I&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcowebRnVrA>. Acesso em 20 out 2024.

¹¹ Revolução Francesa - Aula 2: Um processo de 300 anos que desencadeou na Revolução Francesa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=owUydbRfJqo&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcowebRnVrA&index=2>. Acesso em 20 out 2024.

¹² O Iluminismo na destruição da França Católica - Aula 9 Revolução Francesa. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CXUw3XEwnoU&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcowebRnVrA&index=9>. Acesso em 20 out 2024.

preparou a mentalidade para a Revolução Francesa. Fragelli defende a existência de uma sucessão de três séculos de construção do caminho “sanguinário” dos revolucionários, desde a Reforma Protestante até Rousseau e Fénelon¹³.

Essa ênfase em Fénelon destaca uma das premissas centrais da ultradireita ao conectar passado e presente: o ressentimento. Pierre Ansart (2004), em análise pautada na genealogia nietzscheana, distingue entre duas formas de ressentimento: o dos fracos dominados e o dos nobres decadentes. O ressentimento dos nobres, em particular, surge do “ódio recalcado” dos que ocupavam posições de poder ao se depararem com a revolta daqueles que consideravam inferiores. É com base nesse ódio que o passado revolucionário é contraposto a uma ordem milenar calcada na família e na religião, apresentando a Revolução não apenas como um evento histórico, mas como um reflexo de tensões e medos contemporâneos. A linha de argumentação que conecta a Revolução Francesa às origens das ideias comunistas é construída de maneira similar. O IPCO, como se viu, foi fundado em 2006, mas reivindica a herança da Tradição, Família e Propriedade, criada por Plínio Corrêa de Oliveira em 1960, cujo objetivo declarado era combater o socialismo e o comunismo. A internacionalização da TFP ocorreu desde a década de 1970 e filiais foram estabelecidas nos Estados Unidos, Chile, Argentina, Uruguai, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai, Portugal e França (Neves Jr; Lanza 2023). A força da organização enquanto preceptora do anticomunismo e a atração de Plínio Corrêa ficou inegável quando, em 1974, em encontro realizado em São Paulo, visando receber “anticomunistas de várias partes do mundo”, esteve presente Fred Schlafly, então presidente da Liga Mundial Anticomunista e do American Council for World Freedom, que também alinhava o anticomunismo ao antissemitismo e à nostalgia medievalista (Power, 2010). Em 1975, a reunião anual da Liga acabou sendo realizada no Rio de Janeiro.

O anticomunismo tem sido um elemento central nas diversas vertentes conservadoras da história brasileira desde a década de 1930. Rodrigo Patto (2020) destaca esse período como crucial para a formação de uma tradição anticomunista sólida em nossa sociedade, o que se reproduziu nas décadas seguintes por meio da atuação do Estado, de organizações sociais e de indivíduos, criando um “verdadeiro imaginário anticomunista”. Em três

¹³ Revolução Francesa - Aula 3: Jean-Jacques Rousseau O bom selvagem e o Sínodo da Amazônia. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gTFMX1wzXBg&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcowebRnVrA&index=3>. Acesso em 20 out 2024.

momentos específicos — de 1935 a 1937, de 1946 a 1947 e de 1961 a 1964 —, esse imaginário foi utilizado para justificar não apenas golpes de Estado, como os ocorridos em 1937 e 1964, mas também para demarcar um inimigo comum permanente. Nesse contexto, o anticomunismo não apenas garantiu perenidade à narrativa do “perigo comunista”, mas também contribuiu para a dissolução das fronteiras entre fato e distorção, na construção de uma narrativa histórica alinhada à Doutrina de Segurança Nacional (Lentz, 2021; Mendes, 2013) e à Guerra Fria cultural (Ridenti, 2022). A TFP nasce exatamente no cenário em que a força da inscrição da ameaça comunista garantiria a mobilização de afetos nacionais, como um dispositivo que captura e orienta o cotidiano social brasileiro. Desde então, essa estrutura narrativa persiste, organizando pressupostos e mecanismos, tanto linguísticos quanto não linguísticos, que visam moldar ações e relações políticas e sociais em torno de um inimigo historicamente consolidado (Silva, 2025).

É importante destacar que, conforme os argumentos elaborados por seu fundador em Revolução e Contrarrevolução, a TFP se organizou em torno da ideia de restabelecer um mundo cristão que, segundo eles, vinha sendo destruído desde o final da Idade Média. Dentre seus adversários, estão grupos representados como luteranos, iluministas, jacobinos e comunistas. A conexão entre esses grupos esteve centrada no que consideram o principal inimigo da Igreja e da moral cristã: a própria Revolução, com ênfase particular em sua manifestação mais recente, o comunismo (Motta, 2020). Assim, há importantes elementos de continuidade no discurso anticomunista, que atravessa a defesa dos valores cristãos e da ordem tradicional.

A narrativa central de Corrêa fundamenta a apresentação de Fragelli sobre a “história” das ideias comunistas, que começa no protestantismo, passa pelos revolucionários franceses e culmina nas esquerdas brasileiras, com foco especial no Partido dos Trabalhadores (PT)¹⁴. O conceito de metamorfose das ideias comunistas serve como um fio condutor, de modo que o mote central da série se baseia em uma perspectiva de longa duração que recria a origem do “mal”. Essa recriação está intimamente ligada à percepção de uma perda de poder da Igreja Católica, quando insiste ser nos momentos de “crises da fé” que a “infiltração comunista” se

¹⁴ O Clube dos Jacobinos e a esquerda católica (Teologia da Libertação) - Aula 29 Revolução Francesa. IPCO. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=73rfcfi7PAQ&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcwebRnVrA&index=30>. Acesso em 20 out 2024.

intensifica nas sociedades. Assim, a imagem do passado no presente é cuidadosamente acionada na atualização do anticomunismo em antipetismo. Em vários episódios, Fragelli associa diretamente conceitos como “violência”, “tirania”, “corrupção” e “sociedade decadente” como traços distintivos de períodos revolucionários, desde a Revolução Francesa até países que passaram por revoluções comunistas, como Rússia, China e Cuba, chegando até o Brasil e a Venezuela¹⁵. O enfoque antipetista se intensifica ao longo da série, que foi produzida durante a pandemia de COVID-19. Observa-se que, enquanto as críticas ao governo de Jair Bolsonaro sobre o descumprimento de normativas internacionais de saúde se tornavam mais frequentes, a utilização política da Revolução Francesa no discurso anti-PT também se tornava pronunciada. Essa conexão sugere uma estratégia de mobilização de sentimentos e narrativas históricas para legitimar posições contemporâneas, especialmente em tempos de crise política e social. No episódio 11 da série, intitulado “O CLUBE DOS 30 e as DIFAMAÇÕES: A França passava fome antes da Revolução Francesa?”¹⁶, Fragelli destaca a propagação de boatos como um dos fatores que despertaram a Revolução. É consensual entre os estudiosos a presença da boataria na Revolução Francesa, a qual desempenhou um papel crucial nas mobilizações de descontentamento com o poder real, funcionando até como catalisadores de novos conflitos. Como ressalta Georges Lefebvre (1932), o medo provocado por supostos ataques de “bandidos” às colheitas dos camponeses foi fruto de uma “gigantesca notícia falsa” que circulou pelo reino, disseminada por viajantes e pelo correio. Entretanto, a maneira como o apresentador da série articula sua narrativa resulta em uma condenação dos boatos exclusivamente direcionada aos revolucionários, especialmente a figuras como Danton e Robespierre. Mais uma vez a figura de Robespierre é manipulada em torno da tirania, o que não foge à marca dos usos políticos da Revolução. Ambos são apresentados como os responsáveis pelo agravo moral à nobreza e à monarquia. De forma similar, os historiadores são frequentemente representados na série como parte integrante da máquina de

¹⁵ Ver, por exemplo: Revolução Francesa - Aula 4: Crimes em nome da Revolução, a morte de uma Princesa, mártir e santa. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ctZQ78vN1U&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcowebRnVrA&index=4>/. Acesso em 20 out 2024.

¹⁶ O CLUBE DOS 30 e as DIFAMAÇÕES: A França passava fome antes da Revolução Francesa? Aula 11. IPCO. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eBCPz_vuMVE&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcowebRnVrA&index=11. Acesso em 20 out 2024.

disseminação de boatos, sendo acusados de abordar a História “superficialmente”¹⁷. O ataque à historiografia compõe as táticas das direitas radicais brasileiras que se articulam pela lógica da guerra cultural, mobilizam a noção conspiratória de desvendamento da verdade ocultada por historiadores e difundem mitologias políticas calcadas em seus projetos de presente e futuro. Para Nicolazzi (2023), trata-se “de uma cruzada moralista” que intenta “fundamentar as lutas políticas contemporâneas a partir de uma suposta reescrita da história”.

Nesse contexto, a análise de Fragelli retorna ao presente ao qualificar a Revolução Francesa como uma parábola ou um paradigma, conceitos que ele define livremente enquanto “termo de comparação para tudo que se faz no mundo hoje”¹⁸. As constantes referências ao cenário político brasileiro, convoca seu público — “nós, conservadores” — para uma contrarrevolução, conceito fundamental da obra de Plínio Corrêa. Essa estratégia retórica visa criar um senso de urgência e mobilização entre os conservadores, posicionando a Revolução Francesa como uma lição a ser aprendida para evitar o que consideram uma repetição dos erros históricos. O interessante é que, além de mobilizar o sentido da história como mestra da vida, esse tipo de construção sobre o passado, como a realizado no curso do IPCO, abusa de um senso de comunidade ainda fortemente definida pela cruzada contra o inimigo (infiel, anticristão, comunista – e suas reproduções).

Ainda que compartilhem da dinâmica estrutural dos usos políticos da Revolução Francesa e naveguem nas ondas das redes, Fragelli e o IPCO, com toda a “pompa” imagética que a série pretende provocar, nos parecem os “dinossauros” que recusam desaparecer, até porque há espaço e reverberação para suas vozes. Embora a presença dos obsoletos de direita opere como “legitimação funcional nas demandas por atualização”, existe um espaço sistêmico para eles dentro do atualismo, e esse espaço parece ter sido identificado pelas direitas contemporâneas (Araújo; Pereira, 2020). É possível observar movimentos semelhantes no que diz respeito a “Brasil Paralelo.” Em 3 de fevereiro de 2022, em pleno ano eleitoral, o canal “Brasil Paralelo”, que conta com 3,41 milhões de inscritos, publicou o vídeo

¹⁷ Os sofrimentos da Rainha Maria Antonieta durante sua prisão em Paris - Aula 14 Revolução Francesa. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qUjrFNjGSwE&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcowebRnVrA&index=14> . Acesso em 18 out 2024.

¹⁸ O comunismo nasceu da Revolução Francesa que matou o rei que curava - Aula 7 Revolução Francesa. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ac9XhlpHvyA&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcowebRnVrA&index=7> . Acesso em 18 out 2024.

intitulado Robespierre: o homem que transformou a França em um terror¹⁹, que alcançou mais de 16 mil visualizações. Nele, a Revolução Francesa é apresentada como uma consequência das ideias iluministas, com ênfase em que “Robespierre aprendeu com Rousseau e Voltaire.” A expressão *La faute à Rousseau!* (“a culpa é de Rousseau!”), historicamente recorrente entre intérpretes da direita, surge como um aviso, desencadeando pânico moral. Os girondinos, qualificados (naturalmente, de forma historicamente incorreta) como “nobres reformadores”, são retratados como cúmplices ingênuos das intenções violentas que, segundo o vídeo, estavam presentes desde as primeiras sessões dos Estados Gerais.

Nesse contexto, em uma “história como mestra da vida” em sua versão de direita radical, a Revolução Francesa é transformada em um exemplo de como a esquerda, desde seu surgimento, se alimenta tanto de ideais revolucionários quanto da ingenuidade dos reformadores. O vídeo culmina com uma afirmação: “O lema dos jacobinos deixava claro o que é esquerda: precisamos enforcar o último rei nas tripas do último padre - isso é esquerda!” - uma alusão histórica, é claro, equivocada. É evidente que, em todas as produções analisadas, a discussão historiográfica sobre o terror, que ganhou destaque nas últimas duas décadas a partir dos mencionados estudos de Jean-Clément Martin, não está presente. Ao contrário, nesses vídeos o terror é frequentemente apresentado como um “período” que encapsula a “essência” da Revolução. Essa essência é vista como a materialização de uma ideia prévia. O canal “Escola de História da Igreja”²⁰ (com 31,2 mil inscritos), por exemplo, utiliza repetidamente a expressão “espírito dos revolucionários”, interpretando-a ora como um “estado mental”, ora como um “conjunto de ideias”. Em ambas as interpretações, esse espírito é posicionado como o elemento que está “por detrás” dos eventos. Essa perspectiva sugere que o canal se coloca como um desvelador do que estaria “oculto” ou seria “subjacente” às narrativas de historiadores alinhados à esquerda, evocando a noção de *pathos* das ideias esotéricas como proposta por Arthur Lovejoy²¹.

¹⁹ ROBESPIERRE: O homem que transformou a França em um terror. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vFbbuf82qVc>. Acesso em: 20 out. 2024.

²⁰O que a Escola NÃO vai te ensinar sobre a Revolução Francesa: A Profanação de Saint-Denis. Lucas Lancaster - Escola de História da Igreja. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NDycxN1w-cg>. Acesso em 19 out 2024.

²¹ Na história das ideias, os *pathos*, para Lovejoy, não apenas guiam “sutilmente muito da lógica de um filósofo”, como também engendram “parcialmente a voga e a influência de diferentes filosofias entre os grupos ou as

No referido canal, a Revolução Francesa é associada às discussões contemporâneas sobre o destino dos monumentos no Brasil. Desse modo, o vídeo interpreta a "profanação" da Basílica de Saint-Denis como uma consequência do "regime dos jacobinos, regime do terror, movimento oficial do Estado por destruir qualquer tipo de arte, túmulo associado a reis e nobres, movimento de vandalismo". Além, é claro, de desconhecer ou ignorar que os jacobinos foram diversas vezes contrários a destruição de monumentos, que não foi sistemática (Martin, 2017), essa narrativa sugere um processo contínuo de esvaziamento da autoridade, da hierarquia e da reverência que, segundo essa perspectiva, se estende até os dias atuais no Brasil. O coração da narrativa em questão é, portanto, o endosso a uma visão decadentista que insere o Brasil em uma história do Ocidente, que seria deliberadamente ocultada por historiadores. No contexto brasileiro, o ataque é dirigido principalmente aos professores da educação básica e universitária. Conforme destaca Sônia Meneses (2020), para grupos de direita radical e extrema-direita, a verdade é considerada um produto exclusivo de certos indivíduos. Nesse sentido, esses grupos argumentam que, sob a influência de um suposto esquerdismo predominante nas universidades, os educadores da educação básica conduzem uma doutrinação silenciosa nas mentes dos alunos. Assim, para eles, a verdade, defendida por aqueles que conseguiram escapar dessa suposta doutrinação, é construída de forma externa às instituições escolares e universitárias.

Essas escolhas evidenciam a forte presença das ideias de Olavo de Carvalho. Em *A Nova Era e a Revolução Cultural*, publicado em 1993, Carvalho propõe uma interpretação histórica na qual a Nova República é vista como uma antessala de uma revolução comunista. Segundo sua análise, durante a Ditadura Civil Militar, os militares falharam em conter o avanço do comunismo. Ao enfrentarem os movimentos armados, permitiram que a estratégia gramsciana se espalhasse entre as esquerdas (Oliveira, 2023). Carvalho argumenta que, ao abandonarem os fuzis, as esquerdas passaram a promover a revolução por meio da cultura, infiltrando-se em diversos meios de comunicação e instituições educacionais, instituições que figuram como seus alvos preferenciais. Essa abordagem cultural é central para a visão dos grupos aqui mencionados, os quais buscam contestar a narrativa de um suposto "Brasil Oficial" dominado pelas esquerdas.

gerações que elas afetaram." Seria, para ele, uma das tarefas do historiador das ideias identificar essas patologias e como elas moldam um sistema e tornam uma ideia plausível ou coerente (Lovejoy, 2005, p. 21-23).

Assim, o canal “Manual de História” (90 mil inscritos), é bastante relevante para nosso argumento. Em seu vídeo sobre a Revolução Francesa²², que soma mais de 600 mil acessos, o canal reforça o argumento de que “o marxismo domina academia e as editoras, e é a única coisa que chegou na escola”; o argumento que, mais uma vez, remete ao *pathos* da revelação do obscuro e do que foi escondido, utiliza de diversos historiadores profissionais da Revolução Francesa (como David Bell, Reynald Secher e Daniel Gomes de Carvalho, um dos autores deste texto), cuidadosamente selecionados e manipulados para corroborar uma verdade histórica com sentido único, diferente daquela presente nos próprios textos desses autores. Do mesmo modo, o livro seleciona trechos de aulas na Universidade de São Paulo e de livros didáticos com erros a respeito da Revolução; os erros, assim, em vez de serem sinais de desatenção ou falta de atualização, são convertidos em provas de uma manipulação deliberada em escala global. Como argumentou Ávila (2019), “negacionistas não são, por definição, ‘relativistas’. Muito pelo contrário. Seu ‘ceticismo’ está ancorado em um desejo objetivista que não é tão diferente do da já ultrapassada historiografia conservadora”. Esse ímpeto também está presente no canal “Marcelo Andrade”, que se intitula “Escola da Verdade Histórica” (270 mil inscritos), em seu vídeo intitulado Resumo da Guerra na Vendeia!²³ (11 de novembro de 2022, com 6.865 visualizações). Nesse vídeo, a tese controversa de Reynald Secher, segundo a qual a Guerra da Vendeia é rotulada como um “genocídio”, é explorada em uma narrativa que visa destacar uma suposta brutalidade inerente a Revolução Francesa. O vídeo ainda apresenta a Guerra como a gênese dos Gulags soviéticos, citando o clássico Arquipélago Gulag, de Alexander Soljenítsin. Essa abordagem revela um curioso paradoxo: muitos desses conteúdos replicam o que um dia foi uma característica típica da historiografia marxista-jacobina, que buscava conectar a Revolução Francesa à Revolução Russa (Florenzano, 1995). No entanto, aqui, essa conexão é apresentada de forma lamentosa, contribuindo para uma narrativa de decadência e declínio.

Vale ainda mencionar o vídeo de Olavo de Carvalho, “O que foi a REVOLUÇÃO FRANCESA?” (cerca de 43 mil acessos)²⁴, parte de um de seus cursos online, disponível no

²² Manual de História. Revolução Francesa. Você só aprendeu a versão marxista desta história. Youtube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aYroGCPxPh8>. Acesso em: 20 out. 2024.

²³ Marcelo Andrade. Youtube, 11 de novembro de 2022. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=LhlniYVUdEo>. Acesso em 20 de outubro de 2024.

²⁴ O que foi a REVOLUÇÃO FRANCESA? - Olavo de Carvalho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WQDLIz4D38g>. Acesso em 18 out 2024.

canal "Inteligência Corp". No vídeo, ele argumenta que a situação atual da França, país que ele descreve como "um office boy dos países árabes", teria suas raízes na Revolução Francesa. Em suas palavras, "foi isso que a Revolução Francesa fez, jogou a França no lixo". Carvalho argumenta que a Revolução representou uma mudança crucial, onde a "opinião pública" se impôs sobre a política, um conceito que ele associa à obra *Crítica e Crise*, de Reinhart Koselleck. Nesse contexto, ele também cita Hippolyte Taine e Augustin Cochin, descrevendo a Revolução como resultado das ações das "sociedades de pensamento". Naturalmente, nos três casos, as citações partem de interpretações equivocadas, e os três autores aparecem apenas como um modo de performar erudição para, ao fim e ao cabo, defender uma tese previamente estabelecida. Para Olavo de Carvalho, essa suposta vitória da opinião das massas durante a Revolução Francesa criou um cenário onde a maioria "oprime uma minoria", o que, segundo ele, culminaria na "invasão" de imigrantes na Europa. Esse raciocínio leva à utilização da Revolução Francesa para apoiar a "teoria da grande substituição", um conceito associado a ideologias neofascistas contemporâneas na Europa. O vídeo "REVOLUÇÃO FRANCESA: MENTIRAM para VOCÊ sobre a QUEDA DA BASTILHA!"²⁵, 182 mil visualizações, do canal História e Fé Católica (98,3 mil inscritos), apoia-se no historiador conservador Pierre Gaxotte. Esse autor, principal representante da historiografia contrarrevolucionária do século XX e considerado ultrapassado nas discussões acadêmicas contemporâneas sobre a Revolução Francesa, serve de fundamento para a afirmação de que "tudo o que você aprendeu está errado; seu professor ensinou errado". Para Gaxotte, o "Terror comunista" é caracterizado pela Montanha sendo "manobrada por sua extrema esquerda, que ele chama de Partido dos Enraivecidos". Apesar da prisão de Roux, Gaxotte argumenta que o elemento central é o triunfo do comunismo, com a mudança para a esquerda não se limitando à Revolução "burguesa", mas avançando em direção à Revolução "proletária" (Gaxotte, 1928, p. 351-354). A partir de Gaxotte, o apresentador do vídeo argumenta que a ideia de igualdade só poderia ter como fundamento o ódio a Deus, uma vez que o Criador e a Igreja Católica só poderiam existir em um mundo hierárquico. A igualdade, assim, é o paroxismo do orgulho - e a abolição da monarquia caminharia pari passu com a destruição da fé na destruição da hierarquia.

²⁵ REVOLUÇÃO FRANCESA: MENTIRAM para VOCÊ sobre a QUEDA DA BASTILHA! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MW5bD7sUtuA>. Acesso em 18 out 2024.

Nessa abordagem, o vídeo passa a fazer diversas referências ao Partido dos Trabalhadores no Brasil, argumentando que o princípio da Revolução é o mesmo princípio do PT: recrutar a população mais empobrecida a partir de seu orgulho - e o decorrente ódio contra a hierarquia. Desse modo, os “arrastões” e “quebra-quebras”, na Revolução Francesa e no Brasil, seriam manifestações desse ódio contra Deus que marcaria a própria modernidade. Tal narrativa é frequente dentre esses grupos: um jornal com forte presença bolsonarista, *Gazeta do Povo*, no dia 24 de abril de 2023 publicou uma coluna vinculando os projetos de regulamentação das mídias sociais ao “jacobinismo.”²⁶ Ao analisar as narrativas criadas por diferentes vídeos e canais, é possível identificar traços comuns que atravessam essas produções. A Revolução Francesa é apresentada como um marco histórico que inaugura a contemporaneidade; no entanto, a fixação nesse marco não é celebratória. Em vez disso, ela constrói a visão de um presente marcado pela decadência e destruição de valores que antes sustentavam as sociedades pré-revolucionárias. Essa perspectiva sugere que a perda de valores considerados atemporais, muitas vezes extraídos do pensamento religioso, resultou na abertura de um tempo contemporâneo repleto de violência e terror. Fenômenos históricos distintos, como os governos do PT no Brasil e o comunismo soviético, são, assim, tratados como desdobramentos desse “pecado original” da contemporaneidade, evidenciando uma narrativa que busca conectar eventos aparentemente díspares sob uma única lógica decadentista. Enquanto autores conservadores costumam não reconhecer o Brasil como um país ocidental²⁷, as produções analisadas estabelecem um vínculo que insere o Brasil na mesma temporalidade europeia. Essa associação sugere que o país compartilharia um passado medieval, caracterizado, segundo essa perspectiva, pela hierarquia e obediência. Além disso, argumenta-se que essa herança está inscrita no DNA histórico do Brasil, levando a um “desvio” dessa rota tradicional a partir da Revolução Francesa e seus desdobramentos.

A mobilização em torno da Revolução Francesa atesta uma experiência temporal reacionária, profundamente enraizada na nostalgia. Essa percepção é acompanhada por uma ansiedade em relação ao presente e ao futuro, criando uma experiência coletiva de

²⁶Gazeta do Povo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/cronicas-de-um-estado-laico/pl-da-censura-nova-guilhotina/>. Acesso em 19 out 2024.

²⁷ Por exemplo, Philippe Nemo, em *O Que é Ocidente*, afirma que a América Latina, por ser fruto da colonização ibérica, possui apenas quatro dos cinco elementos que caracterizam o ocidente, quais sejam, a herança grega, a herança romana, a herança bíblica e a herança papal. Segundo ele, faltaria à América Latina, precisamente, a herança liberal-democrática, fruto das revoluções (Nemo, 2005, p. 134).

deslocamento que se intensifica diante de um futuro que parece catastrófico, aprofundando as tragédias inauguradas pela revolução. Nesse contexto, embora esses comunicadores construam seus significados a partir da nostalgia por um passado idealizado, eles também se voltam para o futuro, buscando um significado que lhes permita confrontar a realidade que consideram decadente. A “rebeldia de direita” se manifesta através da mobilização de técnicas contemporâneas, como a internet e as redes sociais, para transformar uma realidade que percebem como ameaçadora. Assim para esses comunicadores, a combinação de ansiedade e nostalgia molda suas formas de habitar o contemporâneo, criando uma narrativa que não apenas critica a modernidade, mas também busca resgatar valores considerados perdidos em uma era de mudanças rápidas e desconcertantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conscientemente ou não, setores da ultradireita brasileira perceberam que a construção de histórias específicas sobre o Brasil e seu lugar no que se entende por “Ocidente” pode desempenhar um papel crucial no futuro político da nação. A afirmação de um lutador brasileiro em relação à Revolução Francesa, apresentada no início deste artigo, resulta de uma grande convergência que entrelaça as construções clássicas da direita sobre esse evento histórico — como as obras de Barruel, Maistre, Burke e Chateaubriand — com o contexto do anticomunismo da Guerra Fria, da ditadura militar brasileira e das especificidades das formações contemporâneas da ultradireita. A presença e o entrelaçamento desses diversos passados e presentes evidenciam como a Revolução Francesa continua a ser um referencial para a construção de narrativas políticas que buscam legitimar posições conservadoras e antidemocráticas (assim como as posições à esquerda, como se viu no caso de Mélenchon), o que, diga-se de passagem, não deixa de ser um argumento em favor da pertinência do ensino desse evento histórico na educação básica e superior. É possível notar uma grande afinidade entre as produções brasileiras, norte-americanas e francesas, sendo que o Brasil mescla as heranças da direita francófona (predominantemente maistreana, isto é, mais ligada ao catolicismo e crítica da Revolução Francesa pela via da perda da autoridade e da harmonia) com uma tradição anglófila (burkeana e dickensoneana, isto é, de base protestante e crítica da Revolução Francesa pela imposição de “ideias abstratas” sobre a vida concreta). Assim,

estão presentes a ideia de que o terror tem suas raízes em 1789, a condenação das abstrações iluministas (especialmente o pensamento de Rousseau) e a personalização da “culpa” do terror na figura de Robespierre, representado como ditador e megalomaniaco. A ênfase no ataque contra os professores que “impuseram a visão marxista nas escolas” é quase onipresente no Brasil. Autores como Hans-Hermann Hoppe, Edmund Burke, Auguste Cochin, Joseph de Maistre, Reynald Secher, Reinhart Koselleck e Pierre Gaxxote aparecem frequentemente nas produções analisadas. Ao considerar o Brasil como um país “ocidental” e fruto da civilização judaico-cristã, essas produções convertem o passado em uma batalha moral, de modo que a Revolução Francesa adquire um papel central em uma narrativa que aponta para uma decadência que clama por uma atualização de valores fundamentais. Esse é, em última análise e a partir das fontes analisadas, o sentido político primordial dos usos da Revolução Francesa pelas direitas brasileiras.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Valdei; **PEREIRA**, Mateus. **ATUALISMO 1.0**: como a ideia de atualização mudou o século XXI. Vitória. Milfontes, 2018.

_____. **VOZES SOBRE BOLSONARO**: esquerda e direita em tempo atualista. In: **KLEM**, Bruna (org.); **ARAÚJO**, Valdei (org.); **PEREIRA**, Mateus (org.). **DO FAKE AO FATO**: (des) atualizando Bolsonaro. Vitória. Milfontes, 2020.

AVILA, Arthur de Lima. Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismos. In: **CAFÉ HISTÓRIA** – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia/>. Publicado em: 29 abr. 2019.

BEAUREPAIRE, Pierre-Yves. Les Illuminati, de la société secrète aux théories du complot. Paris: Tallandier, 2022.

BELL, David Abell. Erasing the Terror. Substack, 2023. Disponível em: <https://davidabell.substack.com/p/erasing-the-terror>. Acesso em: 15 jul. 2023.

BIARD, Michel; **LINTON**, Marisa. **TERROR**: The French Revolution and Its Demons. John Wiley & Sons, 2021.

CARVALHO, Daniel Gomes de. Revolução Francesa. São Paulo. Contexto, 2022.

CHATEAUBRIAND, François-René de. O Gênio do Cristianismo. Curitiba. Danúbio, 2020.

CONSTANT, Benjamin. Dés réactions politiques. Paris: [s.n.], 1814. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5487344j>. Acesso em: 20 out. 2024.

COWAN, Benjamin Arthur. **A HEMISPHERIC MORAL MAJORITY:** Brazil and the transnational construction of the New Right. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 61, n. 2, e004, 2018.

EUGENIE, Richard. **LA REVOLUCIÓN FRANCESA EN MARCHA:** Storytelling En La Campaña De Mélenchon Para Las Elecciones Presidenciales. *Opera*, n. 13, 2013. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=2443568>.

FLORENZANO, Modesto. François Furet historiador da Revolução Francesa. *Revista de História*, 1995, no 132, p. 95-109.

FORREST, Alan; **SERNA**, Pierre. La Révolution française dans l'historiographie anglaise. *La Révolution française. Cahiers de l'Institut d'histoire de la Révolution française*, 2022, n. 23.

FREIXO, André de Lemos; **ABREU**, Marcelo. **NOSTALGIA COMO PROBLEMA METAHISTÓRICO:** uma introdução. *História e Historiografia, Ouro Preto*, n. 23, abr. 2017, p. 138-141.

FURET, François. *Pensando a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1989.

GAUCHET, Marcel. **ROBESPIERRE:** the man who divides us most. Princeton: Princeton University Press, 2022.

GAXOTTE, Pierre. *La Révolution Française*. Paris. Arthème Fayard, 1928.

HESSE, Carla. Terror and the Revolutionary Tribunals. *H-France Salon*, v. 11, n. 16, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://h-france.net/h-france-salon-volume-11-2019/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

LEFEBVRE, Georges. LA GRANDE PEUR DE 1789: La guerre des paysans. Paris: Éditions sociales, 1932.

LENTZ, R. PENSAMENTO POLÍTICO DOS MILITARES NO BRASIL: mudanças e permanências na doutrina da ESG (1974-2016). 2021. 321 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

LILLA, Mark. A mente naufragada. São Paulo. Record, 2018.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. REVOLTA E MELANCOLIA: o romantismo na contracorrente da modernidade. Boitempo Editorial, 2017.

LOVEJOY, Arthur O. A frande cadeia do Ser. São Paulo. Editora Palíndromo, 2005.

MARTIN, Jean-Clément. LA TERREUR: Vérités et Légendes. Paris. Perrin, 2017.

_____. Les échos de la Terreur. Vérités d'un mensonge d'État, 1794-2001. Paris. Perrin, 2018.

MARTIN, Philippe. LES DEUX TYPES DE DESTRUCTIONS DU PATRIMOINE RELIGIEUX: l'exemple de la Révolution française. Ethnologies, 2017, vol. 39, no 1, p. 51-62.

MAISTRE, Joseph de. Considerações sobre a França. São Luís. Resistência Cultural, 2022.

MAUGER, Simon. Robespierre L'Innocent. Harmattan, 2023.

MENDES, Ricardo Antônio Souza. Ditaduras civil-militares no Cone Sul e a Doutrina de Segurança Nacional – algumas considerações sobre a Historiografia. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 5, n.10, p. 06 – 38, jul./dez. 2013.

MENESES, Sônia. BOLSONARISMO: um problema “de verdade” para a história. In: KLEM, Bruna (org.); ARAÚJO, Valdei (org.); PEREIRA, Mateus (org.). **DO FAKE AO FATO:** (des) atualizando Bolsonaro. Vitória. Milfontes, 2020.

MOHALLEM, Lucas da Costa. CAIRU E A VERTIGEM REVOLUCIONÁRIA: tempo, linguagem e epistemologia do conservadorismo (1772-1830). Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2023.

MORAES, Ewerton de Oliveira; CLETO, Murilo Prado. A ÚLTIMA CRUZADA: tempo e historicidade na série da produtora Brasil Paralelo. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 15, n. 38, e0108, abr. 2023.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. EM GUARDA CONTRA O PERIGO VERMELHO: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). Niterói. Eduff, 2020. v. 1. 332p.

MUDDE, Cas. A extrema direita hoje. Rio de Janeiro. Eduerj, 2022.

MUNHOZ, Sidnei J. GUERRA FRIA: História e Historiografia. Curitiba: Editora Appris, 2020.

NEMO, Philippe. O que é o Ocidente? São Paulo. Martins Fontes, 2005.

NEVES JÚNIOR, José Wilson Assis; LANZA, Fábio. Tradição, Família e Propriedade (TFP), anticomunismo e a comunidade de inteligência dos EUA. PASSAGENS: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, v. 15, n. 2, p. 264-282, 2023.

NICOLAZZI, Fernando. BRASIL PARALELO: restaurando a pátria, resgatando a história. A Independência entre memórias públicas e usos do passado. **APRESENTAÇÃO NO SEMINÁRIO 3X22:** 1822 – Independência: Memória e Historiografia (24-28 de maio de 2021).

NICOLAZZI, Fernando. Negacionismo e usos afetivos do passado no Brasil contemporâneo. **Passés futurs**, v. 13, p. 1, 2023.

OLIVEIRA, Marcus Vinícius Furtado da Silva. **UM JARDIM DAS AFLIÇÕES**: história e política em Olavo de Carvalho. In: Revista Wirapuru, n. 8, ano 4, 2023. Disponível em: <https://wirapuru.cl/index.php/publicacoes/2023/2do-semester>.

PINORI, Gino de Castro; **CARVALHO**, Daniel Gomes de. Aspectos da(s) ideia(s) de Europa na Época Moderna. *Diálogos*, v. 28, n. 1, p. 211-236, 2024. <https://doi.org/10.4025/dialogos.v28i1.71784>.

POUFFARY, Marion. **ROBESPIERRE, MONSTRE OU HÉROS?** Villeneuve d'Ascq. Presses universitaires du Septentrion, 2023.

POWER, Margareth. **TRANSNATIONAL, CONSERVATIVE, CATHOLIC, AND ANTI-COMMUNIST**: Tradition, Family, and Property (TFP". In: New perspectives on the transnational right. Editado por M. Durham, 85-106. Nova York. Palgrave, 2010.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. **O SEGREDO DAS SENHORAS AMERICANAS?** Intelectuais, internacionalização e financiamento na Guerra Fria cultural. São Paulo. UNESP, 2022. 406 p.

SCHAMA, Simon. **CITIZENS**: A chronicle of the French Revolution. Penguin UK, 2004.

SCURR, Ruth. **FATAL PURITY**: Robespierre and the French revolution. Random House, 2012.

SÉCHER, Reynald. Vendée. Du Génocide au mémoricide. Méca--nique d'un crime légal. Paris. Les Éditions du Cerf, 2011.

SILVA, Camilla Cristina. A Síndrome autoritária. Como a sobrevivência do discurso anticomunista da ditadura militar afeta a luta pelos direitos humanos no Brasil. Editora Unb. Selo Caliandra, 2025. (no prelo)

STEFANONI, Pablo. A Rebeldia tornou-se de direita? São Paulo: Editora Unicamp, 2022.

FONTES

A NOVA GUILHOTINA JÁ ESTÁ NA BASTILHA. Gazeta do Povo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/cronicas-de-um-estado-laico/pl-da-censura-nova-guilhotina/>. Acesso em: 19 out. 2024

ENGELR, Patricia. French Revolution is a warning for Christians today. Disponível em: <https://answersingenesis.org/blogs/patricia-engler/french-revolution-is-warning-for-christians-today/>. Acesso em: 20 out. 2024

MYTHS V. FACTS. John Birch Society. Disponível em: <https://jbs.org/audio/myths-v-facts/>. Acesso em: 20/10/2018

MMA: le gouvernement français est “épouvantable”, lâche un combattant brésilien avant d’insulter Emmanuel Macron. Le Figaro, Paris, 29 set. 2024. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/sports/mma/mma-le-gouvernement-francais-est-epouvantable-lache-un-combattant-bresilien-avant-d-insulter-emmanuel-macron-20240929>. Acesso em: 20 out. 2024

O CLUBE DOS 30 E AS DIFAMAÇÕES: A França passava fome antes da Revolução Francesa? Aula 11. IPCO. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eBCPz_vuMVE&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJc_owebRnVrA&index=11. Acesso em: 20 out. 2024

O CLUBE DOS JACOBINOS E A ESQUERDA CATÓLICA (TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO) - Aula 29 Revolução Francesa. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=73rfcfi7PAQ&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcwebRnVrA&index=30>. Acesso em: 20 out. 2024

O COMUNISMO NASCEU DA REVOLUÇÃO FRANCESA QUE MATOU O REI QUE CURAVA - Aula 7 Revolução Francesa. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ac9XhlpHvyA&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcwebRnVrA&index=7>. Acesso em: 18 out. 2024.

O QUE A ESCOLA NÃO VAI TE ENSINAR SOBRE A REVOLUÇÃO FRANCESA: A Profanação de Saint-Denis. Lucas Lancaster - Escola de História da Igreja. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NDycxN1w-cg>. Acesso em: 19 out. 2024

O QUE FOI A REVOLUÇÃO FRANCESA? - Olavo de Carvalho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WQDLIz4D38g>. Acesso em: 18 out. 2024

OS SOFRIMENTOS DA RAINHA MARIA ANTONIETA DURANTE SUA PRISÃO EM PARIS - Aula 14 Revolução Francesa. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qUjrFNjGSwE&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcwebRnVrA&index=14>. Acesso em: 18 out. 2024

REIGN OF TERROR: When chaos engulfed France during the Revolution thanks to Maximilien Robespierre. NEWS9 LIVE. Disponível em: <https://www.news9live.com/knowledge/reign-of-terror-when-chaos-engulfed-france-during-the-revolution-thanks-to-maximilien-robespierre-206955>. Acesso em: 20 out. 2024

RESUMO DA GUERRA NA VENDEIA! Marcelo Andrade. Youtube, 11 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LhlniYVUdEo>. Acesso em: 20 out. 2024

REVOLUÇÃO FRANCESA. Você só aprendeu a versão marxista desta história. Manual de História, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aYroGCPxPh8>. Acesso em: 20 out. 2024

REVOLUÇÃO FRANCESA - AULA 1: Um acontecimento chave na história do mundo. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tahNoovnl1I&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcowebRnVrA>. Acesso em: 20 out. 2024

REVOLUÇÃO FRANCESA - AULA 2: Um processo de 300 anos que desencadeou na Revolução Francesa. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=owUydbRfJqo&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcowebRnVrA&index=2>. Acesso em: 20 out. 2024

REVOLUÇÃO FRANCESA - AULA 3: Jean-Jacques Rousseau O bom selvagem e o Sínodo da Amazônia. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gTFMX1wzXBg&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcwebRnVrA&index=3>. Acesso em: 20 out. 2024

REVOLUÇÃO FRANCESA - AULA 4: Crimes em nome da Revolução, a morte de uma Princesa, mártir e santa. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ctZQ78vN1U&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcwebRnVrA&index=4>. Acesso em: 20 out. 2024

REVOLUÇÃO FRANCESA - AULA 9: O Iluminismo na destruição da França Católica. IPCO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CXUw3XEwnoU&list=PLOkk8sunVVMo77d6oTXf9cJcwebRnVrA&index=9>. Acesso em: 20 out. 2024

REVOLUÇÃO FRANCESA: mentiram para você sobre a Queda da Bastilha! História e Fé Católica - Lorenzo Lazzarotto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MW5bD7sUtuA>. Acesso em: 18 out. 2024

ROBESPIERRE: O homem que transformou a França em um terror. Brasil Paralelo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vFbbuf82qVc>. Acesso em: 20 out. 2024

THE FRENCH REVOLUTION OFFERS A CRITICAL LESSON AS THE U.S. RETURNS TO NORMAL. Washington Post. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/outlook/2021/05/07/french-revolution-offers-critical-lesson-us-returns-normal/>. Acesso em: 20 out. 2024

VAINCRE OU MOURIR: filme sobre a Revolução Francesa criticado por promover visões de extrema direita. Euronews. Disponível em: <https://www.euronews.com/culture/2023/01/29/vaincre-ou-mourir-french-revolution-movie-criticised-for-promoting-far-right-views>. Acesso em: 20 out. 2024

WARNINGS FOR TODAY FROM THE FRENCH REVOLUTION. The Bulwark. Disponível em: <https://www.thebulwark.com/warnings-for-today-from-the-french-revolution/>. Acesso em: 20 out. 2024